

FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS: BUSCANDO UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA

Camila Dewes¹

Elenice Ana Kirchner²

Domingos Luiz de Palma³

Submetido em 30-01-2019

Aprovado em 30-04-2019

Revista Saberes e Sabores Educacionais

Revista do Curso de Pedagogia

Uceff – Campus Itapiranga

Vol. 6, 2019

ISSN 2359-263x

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário UCEFF de Itapiranga. E-mail: camiladewes@hotmail.com

² Professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UCEFF de Itapiranga. E-mail: elenice@seifai.edu.br; elenice@uceff.edu.br

³ Professor da Uceff. Email: domingospalma@yahoo.com.br

Introdução

Este artigo tem como foco a relação entre a família e a escola na educação das crianças. Nesse sentido, a questão do estudo é: Qual a importância do convívio familiar e escolar para a vivência de uma educação humanizadora?

Sabe-se que a afetividade e o diálogo só são significativos se permanecerem entrelaçados no processo de ensino e aprendizagem, em que todos os sujeitos se unem para o entrosamento entre educadores e educandos, numa relação de reciprocidade. A família ou o profissional da educação, tendo afetividade, diálogo, compreensão da realidade de seus filhos/alunos, além do entrosamento intergeracional, carinho, amor, cuidados, ensinamentos, respeito, não deixará de cumprir com sua missão, e sim, fortalecerá cada vez mais a sua relação e aproximação com o seu filho/aprendiz. Além disso, juntos irão desenvolver competências, comprometimentos, envolvimento, afetividade, habilidades, saberes, curiosidades, diálogo, opiniões e seriedade com todos.

Ao buscar a estruturação desta pesquisa, o objetivo principal é o de compreender a importância da relação familiar e escolar como baluarte de uma educação humanizadora. Dessa forma destacam-se como objetivos específicos, compreender através de estudos teóricos a importância da educação humanizadora; reconhecer as funções, as reações das famílias em décadas passadas e na atualidade, bem como identificar a importância que a família estabelece na educação dos filhos, voltada para as relações afetivas entre pais e filhos.

Destaca-se a importância entre o convívio familiar e escolar, portanto, para que haja uma relação fraterna entre família e escola, é importante compreender o papel da família, sendo que nela precisa haver a construção de uma educação humanizadora. É no dia a dia, convivendo com seu filho, que pais observam como é o seu desenvolvimento.

A análise caracteriza-se em ressaltar as contribuições das relações afetivas para uma educação humanizadora, nessa direção, busca-se apresentar outros ensinamentos e olhares que as crianças precisam vivenciar, tanto em casa como na escola, isso significa proporcionar o aprender a conviver com as pessoas em todos os momentos, pois vivemos em sociedade e estamos em constante contato com outras pessoas desde o momento em que nascemos e em todos os momentos de nossa vida. Porém, para que isso ocorra, as escola e a

família possuem um papel fundamental, pois oferecem aos seus filhos/alunos a possibilidade de se enxergar e a enxergar o outro com um olhar de um ser mais humanizador.

Educar para humanizar

Somos seres humanos, e isso nos permite enxergar a vida da melhor forma possível, delimitando, dessa forma, metas e tarefas ao longo do tempo, disposição para ajudar ao próximo, respeito a todos independentemente de raça ou sexo. Ou seja, somos seres vivos capazes de projetar e traçar caminhos em nossas vidas, e dependerá de qual caminho queremos seguir para termos uma vida de sucesso. Neste sentido, conforme Moraes (2003, p. 49), “viver é conviver, [...] como tudo está relacionado com tudo, interligado através de uma teia – a grande teia da vida. [...] viver nada mais é do que conviver, é saber escutar a mensagem um do outro”.

Vivemos em um mundo de grandes e rápidas transformações, portanto, precisamos viver e estar desfrutando daquilo que nos faz bem e fortalecer naquilo que acreditamos, pensamos, queremos, modificamos e sabemos. Moraes (2003) escreve que viver não é nada mais do que aprender, celebrar, compartilhar, crescer juntos no bem maior, acreditar que precisamos um do outro para assim, sermos um só, ou seja, você não se torna ninguém, sem ao menos estar aprendendo, compartilhando, crescendo e amando um ao outro como amar-se a si mesmo.

“Viver é compartilhar experiências, [...] é desenvolver-se em parceria espiritual com outros seres humanos, valorizando a contribuição de cada um e reconhecendo a importância dessa contribuição para o seu próprio desenvolvimento” (MORAES, 2003, p. 50). Assim, viver é estar cuidando, protegendo, amando, compartilhando, sendo generoso, compassivo, tendo flexibilidade, encantamento, leveza e alegrias, sabendo conviver consigo primeiramente, para assim, mediar suas habilidades, competências, aprendizagens e ensinamentos ao próximo.

Assim, traz-se presente as ideias de Libâneo (2008), em que define o campo educativo como um ambiente de vasto conhecimento, saberes, valores e informações, o qual é constituído pelas famílias, escola, sociedade e o meio em que vivemos. Deste modo, somos criados e educados pelos nossos pais e pelas pessoas que nos rodeiam, ou seja, por

peessoas que já tiveram um vasto conhecimento, que de alguma forma ou de outra nos ensinam e aprendemos como devemos agir na sociedade. Portanto, a atuação da família no processo de escolarização é gratificante, é nos ensinamentos dos pais que aprendemos como devemos agir, pensar, evoluir, mesclar, opinar, questionar, dialogar e interagir com os outros e com o meio social. Nesse sentido destacamos que no seio familiar aprendemos a conviver segundo os valores morais de cada família, ou seja, singularmente e fechado à família, enquanto isso, a sociedade se apresenta como plural, eis o motivo de a escola apresentar conhecimentos e valores plurais, muitas vezes, inclusive, divergentes dos valores da família. Para que ocorra da melhor forma possível essa troca de convivência e harmonia, necessitamos mutuamente de uma educação humanizadora.

Conforme Antunes (2002, p. 27) “O ensinamento desenvolvido pelos pais e a aprendizagem construída pelos filhos possuem limites e, para superá-los, as crianças são levadas à escola. [...] A escola e os professores também existem porque é nelas e principalmente com eles que se aprende”. Ninguém escapa da educação, de qualquer modo, todos nós nos envolvemos com ela em nossas vidas. Em casa, nas ruas, nas escolas, na sociedade todos acabam aprendendo, ensinando, para sabermos, fazermos, sermos e convivermos. Finalizamos todos os dias da nossa vida com a educação (LIBÂNEO, 2008).

Importante considerar que o aluno não somente frequenta a escola diariamente para aprender por aprender, mais sim, para aprender conteúdos curriculares que já constituem a construção e a elaboração de culturas e de conhecimento, portanto, a escola contribui para que o aluno cresça com um amplo espaço de conhecimentos, responsabilidades, culturas, deveres e direitos (ANTUNES, 2002). Dessa forma, a sala de aula não é somente um espaço escolar de aprender a copiar e reproduzir a realidade, e sim, um espaço de aprendizagens significativas que desafiam o aluno a buscar sua capacidade para aquilo que ele necessitam aprender relacionando isso com a realidade em que vive, desenvolvendo a autonomia dos alunos e produzindo desta forma aprendizagens.

Encontramos diversas formas de aprender e ensinar desenvolvidas em sala de aula. Sendo assim, o aprendizado é mediado aos aprendizes de forma agradável, interessante e significativo, garantindo aos alunos saberes que poderão ser utilizados para conquistar

novas experiências de aprendizagens, em outros momentos, e não somente em sala de aula (ANTUNES, 2002).

É importante reconhecermos que a escola necessita também se transformar em um espaço/ambiente onde ocorre um aprendizado de valores, em que as experiências educacionais são desenvolvidas dentro e fora das escolas e salas de aula, priorizando dessa forma, o fazer pedagógico, além do cognitivo abordado pelos currículos, e por fim, a questão emocional que nos envolvemos na maior parte da vida (BARBOZA; DEVOS; EDLINGER, s.a).

Criar possibilidades de ensinar não é somente transferir conhecimentos, e sim, construir sua própria produção ou a sua construção, estando em um ambiente solidário, no qual e do qual sentimo-nos acolhidos, entre a convivência amorosa, respeitosa e ao mesmo tempo afetiva, somente assim construiremos cada vez mais, aprendizagens significativas. Para Moraes (2003), o sujeito necessita desenvolver sua autonomia, interagir com o meio em que vive, buscar informações para desenvolver sua capacidade crítica, o mesmo necessita de criatividade e sensibilidade para que possa estar vivendo/convivendo e assim, compreender sua própria existência. Pois todos de alguma forma aprendem com todos. Essa aprendizagem é solidária e, ao mesmo tempo importante, e que vem agregar cada vez mais para o nosso processo de aprendizagem.

Todavia, as construções realizadas pelos próprios aprendizes não poderão somente ser produzidas por ele mesmo, ou seja, os ensinamentos e as aprendizagens precisam ser vistas como uma continuação, compartilhada pelo professor e o aprendiz. O aluno necessita da ajuda do professor tanto quanto dos colegas para se tornar autônomo nas suas transformações de conhecimento e informação, conceitos, saberes, práticas e tarefas.

A educação dos valores necessita ser desenvolvida em casa e na escola. O filho, por sua vez, necessita frequentemente de carinho, atenção, colo e amor. O mesmo irá em busca dos seus pais, com o intuito da garantia desses valores amorosos. Portanto, os pais ocupam um papel imensamente importante na vida de seus filhos, que nada mais é do que humanizá-los ensinando-os, educando valores relevantes, ter respeito e solidariedade.

O papel dos pais, neste momento, é fazer com que seus filhos se sintam importantes perante a eles mesmos e pela sociedade, adorados e valorizados por todos os que os cercam.

O filho saberá dar valor às pessoas que querem seu bem, e ao longo de sua vida fará uso desses bons ensinamentos aprendidos desde criança (BARBOZA; DEVOS; EDLINGER, s.a).

É na escola que também se aprende a brincar, a divertir-se com os amigos, dialogar com professores, direção e comunidade. Nesse espaço muitas crianças aprendem a se relacionar com os outros, a dividir objetos, a conhecer o outro, fazer amizades, estudar, aprender, compreender temas e assuntos que lhes são mediados. Claro, cada um se desenvolve dentro de seu ritmo, respeitando cada faixa etária. O estudo é de extrema importância, mas não podemos esquecer que as crianças são seres humanos, elas buscam e necessitam estar se distraindo e ao mesmo tempo interagindo, compartilhando seus conhecimentos, na convivência sadia e fraterna.

Tiba (2002) ressalta sobre a importância das crianças construírem aprendizagens no ambiente escolar, ou seja, “se o filho sabe estudar, aprendeu estudando. Ninguém pode estudar por ele” (TIBA, 2002, p. 189). Destaca-se que a autoestima é um dos pontos mais vantajosos para aumentar as chances do filho e/ou aluno ter avanços significativos em seus estudos escolares.

Para contribuir com as ideias de Tiba (2002), apresenta-se também Zagury (2015, p. 130), destaca que “uma escola de qualidade é inclusiva, quer dizer, não desiste de nenhum de seus alunos. Todos têm oportunidades de aprender, mesmo os que apresentam dificuldades: sejam elas físicas, intelectuais, emocionais ou culturais”. Ou seja, uma instituição escolar jamais estará deixando um aluno de lado, pois o mesmo possui um talento especial o qual precisa ser desenvolvido. Assim, a escola procura sempre estar descobrindo as qualidades que cada um tem, possibilitando o crescimento e assegurando ao aluno o desenvolvimento necessário para sua aprendizagem.

É responsabilidade dos pais estabelecer a organização dos horários dos filhos, ou seja, cumprir limites para eles estudarem, brincarem, comerem, jogarem vídeo games, dormirem, etc. Se o filho demonstra curiosidade naquilo que ele aprendeu na escola, os pais podem estar despertando essa curiosidade do filho, perguntando-lhe: o que o professor explicou na sala de aula hoje? O que você compreendeu após a explicação do professor? Sobre o que você quer saber mais? O que você não gostou? Vamos pesquisar juntos? Neste

momento, os pais estão fornecendo uma revisão breve com suas próprias palavras, daquilo que o filho construiu de aprendizagem na escola. Desse modo, se a criança saberá interagir com os pais, então significa que neste momento o estudo valeu a pena (TIBA, 2002).

Nessa direção, se os pais agirem desta forma, as crianças estarão se interessando ainda mais sobre os estudos, avançando cada vez mais nas aprendizagens escolares e familiares, pois a ajuda da família na aprendizagem dos filhos é de suma importância, sendo considerada um “reforço daquilo que aprenderam na escola”, desta maneira, a criança constrói conhecimentos ainda maiores para o seu bom desenvolvimento enquanto ser humano.

“Não é à toa, portanto, que os pais devem exigir que os filhos, além de estudo, tenham educação, pois ambos são bons alimentos da autoestima, base da felicidade” (TIBA, 2002, p. 188). Assim, a educação se torna uma qualidade de vida, saúde, felicidade, respeito com o próximo e eleva sua capacidade de superar os obstáculos e dessa forma, resolvendo problemas do dia a dia. A criança precisa sentir-se amada, acolhida por todos, pois com esse amor que lhe é dado, terá a autoestima elevada, sentindo-se essencial, amada, valorizada e respeitada por todos (TIBA, 2002).

Isto porque:

O alimento da autoestima também muda conforme a idade. É como o alimento físico. No começo o corpo é nutrido somente de leite. Conforme amadurece, a criança precisa de outros nutrientes. Daí o cardápio vai aumentando até chegar à feijoada. Ao encaixar objetos, fazer as próprias lições e até mesmo futuramente enfrentar desafios, a criança fortalece a autoestima (TIBA, 2002, p. 192).

Sabe-se que a afetividade e o diálogo só são significativos se permanecerem entrelaçados no processo de aprendizagem, em que todos os sujeitos se unem para o entrosamento de educadores e educandos, numa relação de reciprocidade. A família ou o profissional da educação, tendo afetividade, diálogo, compreensão da realidade de seus filhos/educandos, carinho, amor, cuidados, ensinamentos, respeito, não deixará de cumprir com sua missão, e sim, fortalecerá cada vez mais e sua relação e aproximação com seu filho/aprendiz. Além disso, juntos irão desenvolver competências, comprometimentos, envolvimento, saberes, curiosidades, diálogo, opiniões e seriedade com todos.

Família e escola nas décadas passadas e na atualidade

Se pensarmos nas escolas e famílias de outras épocas, haverá uma grande diferença a respeito destas duas instituições em relação ao processo de educacional comparando aos dias atuais.

Em décadas passadas, a vida em família era mais rígida, pode-se perceber uma grande diferença, se comparada com os dias de hoje, pois constantemente estava presente o respeito pelos mais velhos. Os casais tinham vários filhos, e esses por sua vez eram educados rigidamente, sabiam exatamente o que correspondia o olhar negativo dos pais, quando os mesmos haviam feito algo de errado. Não era permitido ao filho xingar, gritar, resmungar, não obedecer aos pais ou aos mais velhos. Os filhos obedeciam aos comandos e pedidos dos pais.

Os pais pensavam que, assim, estariam educando corretamente seus filhos, colocando ordem e ameaças dentro de casa. Aqueles que infringiam as ordens e pedidos dos pais e dos mais velhos, estavam conscientes do que poderia lhes acontecer, sempre cientes das punições. Muitos pais utilizavam o método do xingamento, surra, castigo, ajoelhar-se sobre objetos pontiagudos por várias horas, dependendo do grau da desobediência dos filhos. De forma nenhuma os pais aceitavam que seus filhos respondessem, desobedecessem ou tivessem autonomia. Muitas vezes os filhos, tendo consciência dos fatos, acabavam tendo medo do que poderia acontecer, e assim os pais achavam que estes eram educados da melhor forma possível, sendo pelo amor, ou na maioria das vezes pela dor (MELZ, 2016).

Poucos tiveram o privilégio de concluir o ensino fundamental ou ensino médio, pois os mesmos acabavam desistindo muito cedo dos estudos, pelo fato de muitos precisarem estar ajudando nos serviços de casa e da lavoura.

Isso ocorria frequentemente com os meninos, ajudar nos serviços da plantação, colheita e demais tarefas pesadas, sendo esses deveres dos homens. As meninas, por sua vez, eram educadas e ensinadas pelas mães a ajudar a cuidar da casa, como: passar pano, fazer comida, lavar a louça e a roupa, organizando tudo e deixando dessa forma, a casa arrumada; esse era dever das mulheres. Todos deveriam trabalhar para garantir uma renda suficiente para o sustendo de toda a família.

O que proporcionava mais prazer aos filhos eram os momentos de diversão, podendo brincar e se divertir em lugares que mais gostavam. A alegria era imensa, pois eram nesses momentos em que irmãos não tinham medo de se sujar, de se machucar; as aventuras corriam pelas veias. O que mais os encantava, eram seus brinquedos, pois eram eles os fabricantes dos mesmos. Sabiam que de seus pais não iriam ganhar brinquedos, pois estes eram caros e sobrava pouco dinheiro. Eram crianças espertas e criativas, fabricavam carroças, bois com espigas de milho, bonecas com palhas, bolas com panos velhos, brincavam com barro, em galhos de árvores, com frutas, madeiras, latinhas, garrafas, jogavam futebol na chuva, era assim, divertidas as brincadeiras ao ar livre, o que eles mais gostavam de fazer juntos (MELZ, 2016).

Adentrando no contexto escolar, Eidt (2009) retrata as dificuldades e desordens encontradas neste contexto “[...] que muitas crianças chegam, para o primeiro dia de aula, arrastadas pelas mãos embrutecidas e fortes de seus pais. O mundo da maioria delas foi, até então, sua família” (EIDT, 2009, p. 40). Nesta percepção observa-se, que a escola, para muitas crianças, era algo desconhecido e provocava medo, pois os mesmos tiveram pouco contato social com outras pessoas, além de sua família.

Dessa forma, nesse período, somente estudavam os filhos que tinham acesso privilegiado, apresentando um bom comportamento em todo o processo educativo, com boas notas e convivências afetivas com os professores. Assim a escola, somente dava atenção, incentivos e vantagens para os alunos que se dedicavam, esforçavam-se, respeitavam, e apresentavam um bom rendimento escolar. Já para os demais alunos, a escola utilizava outros métodos, muitas vezes castigos, pelo simples fato de não realizarem os temas de casa, de não obedecerem aos professores e por serem filhos de pais mais pobres.

Neste contexto,

[...] a família e escola viviam uma verdadeira lua de mel. O que a escola pensava era o que os pais pensavam. O que escola determinava ou afirmava, fosse em termos e tarefas, atribuições e até mesmo de sanções, era endossado e confirmado pela família. [...] Com isso, o poder educacional dessas duas instituições se alicerçavam e alimentava-se mutuamente. Especialmente com isso, as novas gerações adquiriam seus valores e seus saberes (intelectuais e morais) sem maiores problemas (ZAGURY, 2015, p. 11).

Compreende-se que assim, família e escola mantinham laços e elos muito fortes, preservando essa relação através de punições, estas eram permitidas pelos pais, quando ocorriam na escola, quando os professores achassem necessário punir o aluno, mostrando dessa forma, quem eram as autoridades no contexto familiar e escolar.

Verificava-se que era um período em que as regras eram rígidas, e não haviam formas de tolerância, e muito menos compreensão das cobranças feitas, um adulto mandava e os menores deveriam cumprir.

Destaca-se neste período também o respeito com os mais velhos “e principalmente, aos pais e professores. Muito se aprende com essas práticas e é por meio dela que se começa a perceber “os mais velhos” como importantes em nossa vida” (PAROLIN, 2017, p. 12).

Encontrava-se muito presente em sala de aula os modelos educacionais, em que o professor era o centro da educação. Sendo assim, somente ele que poderia dirigir a palavra, pois se considerava o ser adulto da sala, capacitando-se o mestre de ensinar os alunos, não permitido vez e voz para os alunos argumentarem, dialogarem, opinarem. Os alunos, por sua vez, eram considerados “receptores do conhecimento”.

Conforme Zagury (2015), o professor era o ser responsável de repassar os conteúdos aos alunos. O professor utilizava basicamente o método tradicional em suas aulas, ensinava de forma oral os conteúdos, ou seja, explicava a matéria, repassando vários exercícios após o término das explicações, e para aqueles que não concluíram em sala, deveriam terminar em casa, assim levaram vários temas para serem realizados, trazendo-os todos prontos para o professor avaliar a lição no outro dia em sala. Assim, compreendia-se que todos entenderam corretamente os assuntos e temas repassados anteriormente em sala, aplicando-se uma prova.

Uma das dificuldades encontradas também pelos professores dessa época era a aprendizagem, pois as turmas eram maiores e bisseriadas. Assim os educadores se encontravam em algumas situações de extrema dificuldade, pois tinham como missão educar, ensinar, dar atenção, sanar as dúvidas, cuidar, e repassar os conteúdos para todas as turmas, pois eram vários os assuntos, e para tantos alunos, em uma única sala, com somente

um professor. Os conteúdos e explicações eram rápidas, isso fazia com que os alunos iam para casa com várias dúvidas, perante o que abordaram naquele dia (ZAGURY, 2015).

Por esse motivo, muitos alunos encontraram dificuldades de aprender o que estava lhes sendo explicado. Muitas vezes, o aluno somente decorava os conteúdos para as provas, e assim, poder tirar uma nota boa na avaliação, sendo que na verdade a aprendizagem significativa não ocorria.

Sabemos que nos dias de hoje a escola é uma imagem de um local em que se aprende, ensina, educa. Essa é a imagem que a escola repassa para todos. Se compararmos aos dias de hoje, é na família que aprendemos os primeiros passos da educação e quando frequentamos a escola, aprendemos outros valores essenciais, além daqueles que já construímos com uma breve visão em casa. A escola constrói assim, um principal objetivo, o de proporcionar estímulos a todos os alunos, independentemente de classe social, sendo adequados para a formação afetiva e intelectual de cada sujeito. Despertando desta forma, o desejo de aprender, conhecer, saber, relacionando-se com todos: família, escola e meio social (MELZ, 2016).

Para haver um bom rendimento escolar e um desenvolvimento pessoal desejado, o ser humano é influenciado pelos meios que frequenta diariamente, sendo, estes sociais, profissionais, familiares, escolares e ambientais.

A escola, portanto, precisa oportunizar momentos em que se busca trazer a família para dentro desse espaço, para poder estar acompanhando e participando no desenvolvimento de todos ali presentes, assim a família conhece o trabalho dos educadores e de que forma este é desenvolvido com os educandos. Criando-se, desse modo, um laço amoroso em que uma fortalece a outra, levando o educando a acreditar na relação de elos e o mesmo começa a valorizar a importância da instituição escolar (MELZ, 2016).

Outra questão importante é a função que a família possui em casa e a convivência em sociedade, preparando a criança para esse mundo social, e, com ajuda da escola, que por sua vez, fortalecerá ainda mais esses ensinamentos, preparando a criança como uma verdadeira cidadã. Para a construção desses laços afetivos, a escola precisa proporcionar projetos criativos que tragam as famílias para as escolas, ou seja, a evolução da educação requer o apoio e a participação frequente da família e da sociedade. Como sabemos,

educação é um direito de todos, em que busca auxiliar o sujeito, preparando-o para ter uma vida equilibrada em sociedade (BELUCCI, 2009).

Procedimentos metodológicos

Conforme destacado, a pesquisa trouxe a abordagem do tema: Educação Humanizadora, pois sabemos da importância na qual a mesma está constituída como baluarte entre a relação da criança, família, escola e o meio social. Portanto o significado da pesquisa como meio de aperfeiçoamento, conforme Rampazzo e Corrêa (2008, p. 65) a definem como meio que “caracteriza-se pelo exame ou consulta de livros ou documentação escrita que se faz sobre determinado assunto, na perspectiva de fornecer subsídios ao estudante para refazer caminhos já percorridos e, nisto, repensar o mundo”. Portanto, pesquisar significou realizar uma investigação acerca do problema que se apresenta.

O propósito da pesquisa quanto à natureza apresenta-se como teórico-empírica em que foi analisado e investigado como viabilizar a educação humanizadora e buscou-se compreender como ocorre à relação família e escola e sua importância no processo educacional.

A obtenção de dados da pesquisa ocorreu de forma qualitativa, que resulta num ambiente natural e se torna a fonte direta para coleta de dados, em que o instrumento-chave é o pesquisador. O pesquisador por sua vez, trouxe presente um questionário que contém como foco principal o processo de relacioná-lo com o mundo real, ou seja, com a realidade em que vivemos.

Quanto à conduta em relação aos dados, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, pois ocorreu a partir de um problema que visou explicar e desenvolver a partir de um material já elaborado. Conforme Rampazzo e Corrêa (2008, p. 75), a pesquisa bibliográfica ocorre quando “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. São pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de material já elaborado (livros literários ou de divulgação, jornais, revistas, dicionários, [...])”.

Realizou-se também estudo de campo, que segundo Strieder (2009, p. 48), destaca como:

[...] um estudo mais aprofundado, apresenta maior flexibilidade, permite a reformulação de seus objetivos no decorrer do processo de pesquisa. Prevê a coleta e descrição de minuciosas informações, como sexo, idade, estado civil, escolaridade, nível de renda, entre outros.

A pesquisa possibilitou perceber a realidade da sociedade em relação ao objeto de estudo, entendendo seu processo de realização em seu próprio ambiente. Foi desenvolvida com a participação de 02 (duas) famílias de cada turma dos Anos Iniciais, cinco turmas, totalizando dez famílias pesquisadas, esses foram escolhidos de forma aleatória, 03 (três) professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental bem como a direção da Escola Oscar Puhl, da rede Municipal de Itapiranga (SC).

Para a realização da pesquisa foi entregue um questionário aos participantes da mesma, conforme apêndice I e II, com intuito de coletar informações necessárias para compreender qual a importância que precisamos atribuir para o baluarte da Educação Humanizadora.

Rampazzo e Corrêa (2008, p. 99), definem o questionário como um “conjunto de perguntas elaboradas, em geral, com o intuito de reunir informações sobre as percepções e opiniões dos indivíduos a respeito do objeto de estudo”, para complementar, Strieder (2009, p. 50), defende que o questionário poderá “ter questões abertas- quando diante das perguntas o pesquisador formula sua resposta”.

De acordo com as variadas possibilidades de coleta de dados, a análise e interpretação destes, teve como garantia ao pesquisador da aquisição de informações e conhecimentos que lhe auxiliaram no desenvolvimento de sua pesquisa. Sendo assim, a análise e interpretação dos dados realizou-se de forma qualitativa para que houvesse maior compreensão dos mesmos.

Para melhor compreensão dos dados da pesquisa, a mesma ocorreu de forma organizada em categorias de análise. Para preservar a identidade dos pesquisados optou-se pela utilização de nomes fictícios, nomeando-os como: Família A, B, C, D, E, F, G, H, I e J. e Professoras I, II e III.

Apresentação e discussão dos resultados

Apresentamos neste artigo a categoria “afetividade para uma ação mais humanizadora”.

Através da aprendizagem é que construímos, reconstruímos, vamos à busca da mudança, isso quer dizer que “toda prática educativa demanda de experiências de sujeitos, que por sua vez, ensinam, aprendem, outros, aprendem, ensinam”, (FREIRE, 1996, p. 69), transformando isso em uma marca de conhecimento em que os conteúdos ensinados e aprendidos; envolvem a teoria e a prática.

Anos foram se passando e percebeu-se que a relação afetiva do professor e o aluno é algo fundamental em um ambiente escolar, pois:

[...] bons professores trazem consigo uma cultura acadêmica em que há a segurança e ao mesmo tempo a capacidade de falar com desenvoltura em sala de aula. No entanto, temos professores fascinantes que ainda assim, ultrapassam e procuram conhecer o aluno, diante do funcionamento de sua mente para educar melhor (CURY, 2003, p. 43).

Assim sendo, a família e a escola são as duas instituições mais importantes para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Essa relação afetiva entre pais com os filhos e os alunos com os professores são laços fundamentais para o bom desenvolvimento dos filhos/alunos? Nesse sentido traz-se presente a resposta dada pela Professora III, “[...] Quando ambas andam juntas, escola e família, só tem a crescer para o ensino e aprendizagem do aluno. Pois se percebe nítido no aluno a família que está presente na vida do mesmo e da escola, acompanhando coisas simples como caderno, atividades, temas e programações da escola, etc”.

Nesse sentido fica claro que é importante estar avaliando a cada instante o processo de evolução do aluno, avanços, recaídas, capricho, dedicação e desempenho. Para que isso ocorra, a escola precisa despertar e buscar no aluno a criatividade, o pensar, o pesquisar, o refletir, o aprender, o estudar e que em nenhum momento se perca a oportunidade de torná-los conhecedores de si mesmos. Mostrar aos alunos que eles também podem estar se auto avaliando perante aos acertos, conquistas, capacidade e competências ou até mesmo aos erros que cometem, mostrando e incentivando-os a melhorarem cada vez mais (ANTUNES, 2002).

Outro ensinamento que as crianças precisam vivenciar, tanto em casa como na escola, que ao mesmo tempo é tão importante quanto os outros, é estar proporcionando o aprender a conviver com os outros em todos os momentos, pois vivemos em sociedade e estamos em constante contato com outras pessoas desde o momento em que nascemos, e em todos os momentos de nossa vida. Mas para que isso ocorra, a escola com a família possui um papel fundamental, no qual possibilitam aos seus filhos/alunos a se enxergar e a enxergar o outro com um olhar humanizador, ou seja, o ser humano como um todo e não por partes.

Na pesquisa, foi questionado aos professores sobre de que forma você percebe sua própria função e as funções da família com relação a diferentes aspectos da educação de alunos e filhos? Destaca-se a resposta da Professora II, pois para ela acredita que é “Na minha função como professora, é garantir a aprendizagem dos conteúdos curriculares, mas muitas vezes é preciso desenvolver outras habilidades e competências necessárias para que os alunos aprendam. São questões relacionadas aos comportamentos, cuidados consigo e com os outros, como higiene, respeito e valores que, muitas vezes, as crianças não aprendem em casa, como deveriam”.

Além disso, a Professora III enfatiza a união familiar e se refere a sua própria função e as funções da família com relação a diferentes aspectos da educação do filho e aluno, portanto: “Quando você realiza atividades junto com as famílias, em forma de entrevistas, pesquisas, conversas, diálogos, etc. e essas atividades voltam completas, realizadas e muitas vezes muito além do que se almeja. Onde você e seus alunos se realizam, sabendo que esse retorno será todo para a aprendizagem do mesmo”. Para que assim, saibamos que se torna possível termos esse entrosamento com os pais dos alunos, que podemos sim, contar com os mesmos quando estivermos necessitando ou precisando uma ajuda dos pais através de uma resposta, ideia, posicionamentos bem como uma opinião deles. Desse modo, sempre pensando numa aprendizagem significativa com valores, em que os pais poderão estar contando com a escola, sempre que preciso e necessário em todos os momentos, que os filhos/alunos percebam esse relacionamento e entrosamento da sua família com a escola.

Através da aprendizagem é que construímos, reconstruímos, vamos em busca da mudança, isso quer dizer que “toda prática educativa demanda de experiências de sujeitos, que por sua vez, ensinam, aprendem, outros, aprendem, ensinam”, (FREIRE, 1996, p. 69), transformando isso em uma marca de conhecimento em que os conteúdos ensinados e aprendidos; envolvem não somente os ensinamentos dados pelos pais e/ou pelos professores, e sim, por ambos, pois em conjunto com essas duas instituições mais importantes na vida do filho a aprendizagem, os ensinamentos, os valores, respeito, prosperidade, compaixão, responsabilidade e união tudo se torna mais fácil no processo ensino aprendizagem e assim tudo parece ser mais harmônico e significativo.

Sendo assim, sabendo-se da importância da união entre a família e a escola na construção do conhecimento, e na educação das crianças, nesse sentido foi perguntado: Qual é a função de uma e de outra com relação à educação dos filhos/alunos? Desse modo, a Família H, ressalta sobre o respeito que os filhos devem ter com os pais e com os professores e declara: “Às vezes não é fácil, mas sempre se dá um jeito. Tudo para o bem do filho. A função dos pais é ensinar o filho a fazer sempre a coisa certa, começando pelo respeito aos mais velhos. A função dos professores é aperfeiçoar os ensinamentos dos pais”.

Para completar traz-se a fala da Família G, que para ele “Acredito que a educação começa em casa, se a criança respeita aos pais, ela vai respeitar os professores e os colegas. Cabe aos professores alfabetizar as crianças, mas os pais devem acompanhar a alfabetização incentivando e auxiliando os filhos no que for preciso para que as crianças gostem de ir à escola e tenham interesse de aprender”.

Freire (1996, p. 28) por sua vez, afirma que “a educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem”. O respeito é algo próprio do ser humano nos vários momentos do seu dia a dia, diferenciando-o enquanto espécie. Portanto, o respeito é perceptível através da ludicidade, companheirismo, dedicação, ajuda, compreensão, responsabilidades, nas práticas diárias, nos momentos de trabalho, brincadeiras, jogos e nas experiências de vida. Através do respeito humano, vivemos com mais harmonia, buscando uma vida mais humana, sob todos os seus conhecimentos, vivências, experiências, honestidade, humildade, acertos e erros.

“Acredito que minha função como educadora é de buscar formas e estratégias para que os meus alunos aprendam, por intermédio das atividades lúdicas, jogos, músicas, histórias momentos que se tornam ricos em conhecimento na vida do aluno e consequentemente o marca e faz com que o educador se sinta realizado. E é muito gratificante quando temos laços afetivos com os nossos alunos isso facilita muito no andamento das aulas e na aprendizagem deles, eles se sentem mais confiantes, seguros e com sede de aprender”, afirma a Professora I, sabe-se que através das experiências que são registradas na memória, o ser humano torna-se capaz de transformar a personalidade. Por isso, “os professores fascinantes transformam a informação em conhecimento e o conhecimento em experiências”, (CURY, 2003, p. 43), desta forma, sempre estão trazendo as diversas e inúmeras maneiras de repassar informações que transmitem experiências de vida (CURY, 2003).

Saber trabalhar e envolver o aluno no que se diz respeito à emoção, envolve estimulá-lo a pensar antes mesmo de agir, a não ter medo, e ter autonomia de si. Segundo Cury (2003, p. 51), “bons professores ensinam seus alunos a explorar o mundo em que estão. Professores fascinantes ensinam os alunos a explorar o mundo que estão, o seu próprio ser”. A emoção é uma forma de se educar, através dessa educação somos capazes de sermos fiéis na consciência de saber perder, doar sem esperar retorno, correr riscos para transformar os sonhos em realidade.

Nesse sentido, para que o aluno se sinta em harmonia e de bem com o novo ambiente escolar é extremamente importante que o mesmo crie laços afetivos com o professor que será o mediador em sala de aula, uma prova disso, é o aluno, que por sua vez, precisa da afetividade como uma necessidade que todos têm no momento em que estão inseridos em uma sala de aula, pois querem ser reconhecidos e serem vistos como seres únicos.

De modo geral, no que se refere ao envolvimento dos pais ou responsáveis na vida educacional dos filhos, a maioria ressalta que há envolvimento, participação, diálogo, ensinamento, respeito e união entre ambos. Em relação a isso, destaca-se a fala da Família H o qual destaca que “Sempre ajudo meu filho nos temas e trabalhos repassados pela escola. Sempre que ele pedir ajuda, ajudo, mas sempre respeitando a capacidade dele”. Já a

Família G diz que “Verifico diariamente os cadernos da filha. Ajudo nas tarefas de casa (tema). Leio livros para ela. Faço ditados com palavras que ela está aprendendo estimulando ela a ler, escrever, pintar, desenhar, etc”...

Todavia, a Família J, enfatiza ainda que “O envolvimento na educação dos filhos é mútuo e constante, pois, entende-se que ela é peça fundamental na vida dos mesmos. Em se tratando da vida escolar, esta recebe auxílio diante do “filho – aluno” sempre que houver dúvida trazidas por ele, caso contrário em algum momento do dia, quando a conversação sobre o relato do período escolar, se fizer presente”.

Como nos coloca Perrenoud (2000, p. 151), afirmando sobre a importância de o aluno em sala de aula, não somente como mais um, mas como um ser único:

A maior parte dos alunos tem necessidade de ser reconhecida e valorizada como pessoa única. Os alunos não querem ser um número em uma sala de aula que tem um número. É por isso que o ensino eficaz é um trabalho de alto risco, que exige que as pessoas se envolvam sem abusar de seu poder.

A afetividade não se limita somente nas manifestações do contato físico. E sim, muitas vezes por meio de elogios, respeito e reconhecimento do esforço do aluno na realização das atividades escolares. Quando a criança cresce e se desenvolve ocorrem outras trocas de afetividade, como por exemplo: o professor oferece meios para que o aluno realize as atividades confiando em sua capacidade, em suas dificuldades e demonstrando interesse na solução dos problemas do aluno (LEITE, 2011).

O professor sempre precisa estar buscando o melhor, portanto, necessita incentivar e propor soluções em sala de aula, para que assim, ocorra aprendizagem e um bom desenvolvimento para com todos. É também muito importante que o professor tenha relações afetivas com todos os alunos, não discriminado nenhum deles. Para que tudo isso possa ocorrer, o professor deve também procurar saber e conhecer um pouco do convívio familiar de seus alunos. (LEITE, 2011).

Conforme Antunes (2002, p. 14)

Aprende a fazer, portanto não pode continuar significando “preparar alguém para uma tarefa determinada”, mas sim despertar e estimular a criatividade para que se descubra o valor construtivo do trabalho, sua importância como forma de

comunicação entre o homem e a sociedade, seus meios como ferramentas de cooperação e para que transforme o progresso do conhecimento em empregos.

Segundo Antunes (2002, p. 40), o professor necessita buscar “ouvir seus alunos, conversar com eles, ser econômico no dizer e ambicioso no ouvir. Se puder, interessante que grave ou anote suas sentenças, suas falas, suas opiniões a respeito do que ensina”. Portanto, o aluno precisa descobrir como construir seu conhecimento, para aprender de maneira mais significativa. E com a ajuda do professor juntamente com a relação afetiva dos pais, o filho/aluno descobre que seus saberes podem e devem ser expressos por toda e qualquer linguagem que toda a criatividade humana criou.

Considerações Finais

Este trabalho buscou através da relevância social que a família e a escola exercem, destacar as duas instituições mais importantes e, as mesmas necessitam ter um bom relacionamento, entrosamento e comprometimento para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. De fato ficou demonstrado o envolvimento escolar positivo e não se pode esquecer o desenvolvimento afetivo que os pais tanto os professores tiveram e terão com seus filhos/alunos. Essas duas instituições contribuem no processo de aprendizagem, como também propiciam a humanização das crianças, ou seja, são traçadas propostas de educá-las de modo a valorizar a sua inteligência, saberes, alegrias e felicidade, preservando o seu bem-estar. Para que haja uma relação fraterna entre família – escola é necessário que as duas busquem elos e tomem iniciativas, como por exemplo: pais visitando a escola, professores convidando os pais a comparecerem na escola, confraternizações e reuniões, dessa forma proporcionando maior interação e/ou comunicação nos momentos de diálogo e ao mesmo tempo, buscando a compreensão por ambas as partes, ou seja, ambiente escolar e familiar. Juntas buscam estratégias, caminhos e soluções que facilitam o entrosamento educacional dos sujeitos. A pesquisa evidenciou que ocorre a interação tanto dos pais quanto da escola e em alguns casos também da sociedade. Sabemos que de fato a educação humanizadora ocorre com essas instituições, onde cada uma busca o melhor para estar ajudando e agregando valores significativos e aprendizagem de qualidade para as crianças, e que as mesmas esperam isso dos pais, da escola e da sociedade. Juntos, escola, família e sociedade estarão humanizando a todos da melhor

forma possível. Considera-se que escola, família e sociedade são as bases de sustentação para a criança. Pois as mesmas são vistas como sendo à base do conhecimento, educação, aprendizagem e valores. Durante todo estudo percebeu-se que as famílias ao longo dos tempos mudaram suas configurações, a maneira de se relacionar, de opinar, onde se buscou ajuda das escolas e sociedade para estarem educando, humanizando e reeducando os valores dos antepassados para os tempos de hoje. Tendo sempre como princípio o bem estar de vida da criança. É importante compreender o papel da família, sendo que nela precisa haver a construção de uma educação humanizadora. Observou-se que as respostas obtidas nas pesquisas foram de grande relevância pois as mesmas, deixam marcas positivas na qual os pais valorizam e incentivam os filhos a estarem estudando para que saibam mais, aprendam, conheçam, busquem, tenham curiosidade e compreendam o que lhes é solicitado. É no dia a dia, convivendo com o filho, que pais aprendem como é o seu desenvolvimento. Para esse aprendizado, é de suma importância que os pais percebam que são eles os principais e insubstituíveis educadores dos filhos, em que ficou claro que nas respostas dadas pelos pais, os mesmos buscam estratégias, maneiras, incentivam, educam e respeitam seus filhos em todos os momentos, família, juntamente com a escola, possuem o papel de educar, de humanizar. Um papel importantíssimo que a família e a escola entrelaçam é: ensinar e vivenciar valores, contribuindo no conhecimento e inteligência das crianças, favorecendo de forma positiva a vida do educando, aprimorando a sua educação, desenvolvendo habilidades e competências para viver e conviver em sociedade. São esses os ensinamentos que nossos pais já adquiriram e com o passar do tempo esses valores educacionais foram repassados aos filhos, tanto na família como na escola e sociedade. É dessa forma que estar-se-à educando e valorizando os ensinamentos que foram repassados de geração a geração, e que ainda poderão ser modificados e exercendo o papel de humanizar

Referências

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARBOZA, Magda Simone, DEVOS, Rafaela J. Barboza, EDLINGER, Aline R. **Educar para humanizar**. Disponível em:

https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/barboza_devos_edliger.pdf>. Acesso em: 25 de 25/03/2018 às 22 horas.

BELUCCI, Luciana Puccini. **Interação da Família com a Escola: desafios atuais**.

Presidente Prudente, 2009. Disponível em:

http://tede.unoeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=202>. Acesso em: 25 de 25/03/2018 às 22 horas.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

EIDT, Paulino. **Os sinos se dobram por Alfredo**. Chapecó: Argos, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEITE, Sérgio A. da Silva. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 10. ed. São Paulo, Cortez, 2008.

MELZ, Eduarda Stein. **Educação e humanização: uma pesquisa sobre a importância da interação família escola**. 2016. Monografia. Fai Faculdades, Itapiranga (SC), 2016.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **Pais e educadores: quem tem tempo de educar**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RAMPAZZO, Sônia Elisete; CORRÊA, Fernanda Zanin Mota. **Desmitificando a metodologia científica:** guia prático de produção de trabalhos acadêmicos. Erechim, RS: Habilis, 2008.

STRIEDER, Roque. **Diretrizes para elaboração de projetos de pesquisa.** Joaçaba: Ed. Unoesc, 2009.

TIBA, Içami. **Quem ama educa.** São Paulo: Editora Gente, 2002.

ZAGURY, Tania. **Escola sem conflito:** parceria com os pais. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.